



## O Perfil Feminino na Literatura

Maria Cristina Alves de Pontes<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho discute a intertextualidade, o dialogismo e a polifonia entre três textos da literatura brasileira a saber: *As marias*, de Dalton Trevisan; *A Moça Tecelã* de Marina Colassanti e *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque. Além dos textos, há análise da música de Durval Vieira, *que diferença da Mulher o Homem Tem?*. A produção literária e musical ora apresentada mostra a forma como o perfil da mulher vem sendo delineado durante a história da humanidade e os mitos que a sociedade tem atribuído a ela. Ao lado do trabalho da literatura brasileira, para discutir o mito criado sobre a mulher, ilustramos com uma breve análise das reações da personagem Fricka, na obra de Jean Shinoda, *O Anel do Poder: a criança abandonada, o pai autoritário e o feminino desautorizado*. Trata-se de um trabalho desenvolvido na área da literatura com interlocuções com a análise do discurso, história e a criação do mito. Utilizamos os pressupostos teóricos usados na análise do discurso, da literatura e da mitologia.

**Palavras-chave:** literatura. intertextualidade. mitologia. psicologia.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz um percurso sobre a figura da mulher na literatura, trazendo à baila o papel do arquétipo feminino na história da humanidade, bem como, a linguagem utilizada para falar sobre a mulher, há escolhas de termos para falar sobre o feminino. Para a realização do trabalho, utilizamos o conto *As Marias* de Dalton Trevisan, dentro de uma perspectiva mais modernista e da literatura clássica. Além do conto de Trevisan, utilizamos, em contrapartida, a música *Que diferença da mulher o homem tem?* de Durval Vieira, que retrata as semelhanças que há entre homem e mulher. Trata-se de um texto literatura popular que busca a demarcação de igualdade entre homem e mulher, negando, portanto, a superioridade do homem sobre o ser feminino. Em um outro texto, *A moça tecelã* de Marina Colassanti, tem-se o percurso do poder da mulher, enquanto sujeito de sua própria história e da não manipulação da sociedade sobre suas decisões. E, nessa primeira etapa, trazemos também o texto *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque, no qual se faz uma retrospectiva de como viviam as mulheres àquela época, na Grécia Antiga. A presença de mais esse texto enriquece as possibilidades de interlocução, intertextualidade e dialogismo entre os textos e polifonia que se fazem ouvir em cada texto ou vozes que os perpassam.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Especialista em Literatura e Ciências das Religiões – UFPB.



As mulheres apresentadas nas quatro obras são comparadas ao estereótipo apresentado no perfil psicológico da personagem Fricka de Jean Shinoda, na obra *O anel do poder: a criança abandonada, o pai autoritário e o feminino desautorizado*. A personagem feminina a se analisada faz um resgate dos diversos papéis sociais assumidos pela mulher na linha do tempo e as imposições que a sociedade lhe impõe, sobretudo, por meio dos mitos e tabus.

### **1. INTERTEXTUALIDADE, POLIFONIA E DIALOGISMO.**

É perceptível a relação temática que as três obras guardam entre si, que poder-se-ia explorar a intertextualidade que um texto guarda em relação ao outro. E, neste caso, a intertextualidade é entendida no seu sentido primeiro da professora Julia Kristeva quando afirma que “(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Neste sentido, há sempre algo de um texto que se perpetua em um texto posterior ao primeiro. Há uma dialogicidade entre os textos, como garante Mikhail Bakhtim que a define como o processo de interação entre texto que ocorre na polifonia. O texto, portanto, não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos.

Além do diálogo existente entre os textos, é importante perceber as vozes que se sobressaem em muitos textos, nessa perspectiva, ao trabalhar com textos de épocas e autores diferentes, é um convite a discutir o perfil histórico e a denunciar, sobretudo, as relações sociais. Nos textos acima, todos da contemporaneidade, discutem o papel da mulher na sociedade e na história da humanidade. Numa análise mais profunda, é plausível o mito que se cria em torno da figura feminina.

Com base no que expomos, podemos fazer alguns questionamentos: a partir do olhar de quem a mulher é vista como objeto de prazer e de uso? Que vozes falam e calam ao ditar a realidade da mulher pobre? Que mito se cria em torno da fragilidade da mulher em contraposição à força que o homem tem? A quem interessa que a mulher, sobretudo, a pobre continue frágil e, de preferência, se prostituindo, sendo submissa ao homem? Que relação intertextual, dialógica e polifônica há entre os textos e com textos da mitologia?

Muitas dessas perguntas podem ser respondidas pela literária e/ou pela lógica de discussões mais amplas como a presença do homem opressor e da sociedade que a relega ao simples, apesar de importante, papel de procriar. Como podemos ver no



primeiro conto que pode encontrar, nesse ponto, um diálogo com as mulheres de Atenas, que como diz a música

## **2. A FIGURA FEMININA EM TEXTOS E LITERÁRIOS E NA MÚSICA**

O primeiro conto retrata a história, tantas vezes repetidas, de mulheres exploradas por fazerem parte de uma classe social inferior e, portanto, “devem” vender seu corpo e seus sentimentos a homens de classes superiores. O conto traz no contexto a história de mais uma “Maria”, doméstica, que se apaixona por um militar e acredita em suas falsas promessas, engravida e é abandonada e, assim, repete a história de sua mãe que, o literato deixa entrever que também se chama maria. Essa repetição se torna quase que um estigma: ser maria, pobre, empregada doméstica, fruto do meio, fica relegada ao seu “destino”, não tem, com isso, a menor condição de mudar o curso da história, ou mesmo de contribuir com o desenvolvimento das ciências, das artes, do próprio meio social. Não se trata de um ser humano, mas alguém que parece não poder usar o raciocínio e sair da nulidade de ser apenas maria, filha de uma outra maria, que gera outra maria. O seu próprio nome já a torna generalizada, pois em nosso país quando não sabemos o nome de uma pessoa do sexo feminino a chamamos “Maria”.

Por outro lado, a música de Vieira vem trazer uma reflexão dos pontos que diferem homem-mulher e os contrapontos em se constituir mulher e se constituir homem. Afinal, como diz a professora Joana Pedro, em sua fala, no Seminário de Gênero e Infância de 2007, no campus de Tocantinópolis (UFT), não nascemos homem ou mulher, constituimo-nos homem ou mulher. É a sociedade que nos faz sentirmo-nos homens ou mulheres. Nesse sentido, faz-se mister buscar na composição o enfoque que é dado às características físicas de cada um, mas, sobretudo, os aspectos comportamentais proeminentes na música, delegando à mulher o poder de persuadir e seduzir o homem para alcançar seus objetivos, desde tempos mais remotos.

Nessa linha de pensamento, o terceiro texto a ser apresentado é *A moça tecelã*, de Colassanti, que traz a figura feminina como sendo a criadora dos seus sonhos e encantos, ao mesmo tempo em que realiza seu sonho, ver-se emaranhada num pesadelo que seu poder de decisão tem sobre a realidade que a circundar. Contrapondo-se a Maria no primeiro texto, neste texto, a mulher se decide a dar outro rumo à sua história e encoraja-se a desmanchar tudo o que havia feito antes.

Ao considerar o texto *Mulheres de Atenas*, a personagem Penélope, esposa de Ulisses, da mitologia grega, é retomada no texto de Colassanti. Porém no caso do texto de



Chico, a figura da mulher é tida como alguém fiel para sempre. A fidelidade é obrigação da mulher, mesmo que isso fuja a princípios determinados pela sociedade da época, que pregava a necessidade da mulher contrair casamento tão logo fosse constada a viuvez. Penélope, após muita insistência dos pretendentes, resolveu aceitar o casamento, na condição de só realizar o casamento ao terminar o seu tapete. Porém, por não querer casar novamente, tecia durante o dia e desmanchava a noite, adiando sempre a data do casamento. A intertextualidade ocorre, neste caso, pelo fato de ambas mulheres definirem sua história de vida a partir do trabalho manual que realizam. No texto *A moça tecelã*, a criação do marido e da vida e, depois, o arrependimento por seu “tecido” e o poder de desmanchá-lo e fazer uma nova vida é uma decisão que é feita e desfeita segundo as vontades da moça. O mesmo podemos inferir na Penélope, que adia o casamento e leva a não deixar acontecer, encontrando subterfúgio para não ferir os preceitos que a sociedade impunha a mulher viúva.

A última obra, ou melhor, a última personagem feminina consegue fazer ecoar as vozes presentes nos demais textos, por meio do arquétipo de mulher circunscrito por Jean Shinoda, na personagem Fricka, em *O anel do poder: a criança abandonada, o pai autoritário e o feminino desautorizado*, assumindo a responsabilidade de manutenção do casamento, agindo com fidelidade, apesar das traições sofridas. Mas apesar disso seu poder, assim como ocorre nos textos anteriores, existe de maneira não visível.

Em Maria, o seu assujeitamento aos mitos e tabus que a sociedade impõe à mulher, como, por exemplo, a responsabilidade de procriar, ocorre nos demais textos, chegando ao arquétipo de Fricka, que encarar a maternidade de uma outra forma. Perpassam os textos, dialogismos quer pela temática, quer pela forma de entender os mitos que circundam a mulher poder. Ao lado do dialogismo, há uma intertextualidade, às vezes, mostrada, às vezes, subentendida e ainda é possível vozes que perpassam os textos, evidenciados, sobretudo pela abordagem temática que perpassa as fases históricas da humanidade.

### **Referências:**

BAKHTIM, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8 ed. SP: HUCITEC, 1997.

KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. Trad. M<sup>a</sup> Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1974.